

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 gldes

Class.: 1990

Data: 06/02/85

Pg.: \_\_\_\_\_

### 190 Baía da Traição, cidade onde ninguém paga imposto

RECIFE — Há 22 anos, os habitantes da Baía da Traição, cidade costeira 60 quilômetros ao Norte de João Pessoa, na Paraíba, que hoje são 2.500, não pagam qualquer tipo de imposto à Prefeitura, nem ela teve direito de cobrá-los até agora. Não são cobrados tributos aos pescadores, por ser a pesca artesanal isenta. Nem aos agricultores que vivem da venda dos cocos, por serem índios. Os proprietários de casas na cidade também não pagam o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), por não terem o título de posse dos terrenos.

Antiga vila de pescadores e agricultores, a Baía da Traição foi elevada à categoria de sede municipal em 1962, mas por estar assentada em plena reserva indígena dos potiguares não pode usufruir da receita tributária comum às outras cidades.

— É uma cidade que não existe legalmente — diz o Prefeito José Máximo Sobrinho, descendente dos potiguares. — Ela não tem título de posse dos terrenos onde se localiza e nem é permitida a cobrança de impostos.

A receita financeira da Prefeitura de Baía da Traição — localidade por onde passaram franceses, portugueses e holandeses desde o Descobrimento do Brasil — é proveniente do Fundo de Participação dos Municípios do Governo Federal e de um pedágio organizado anualmente para os visitantes, durante o Carnaval. Neste ano, o orçamento municipal não ultrapassou os Cr\$ 30 milhões.

Porém, os dias de isenção tributária da Baía da Traição estão contados. Por decreto do Governo Federal, nº 89.256, de 28 de dezembro de 1983, foram desmembrados 290 hectares, da reserva potiguar de 21 mil hectares, para legalizar a situação da cidade. Decorrido um ano da publicação do decreto, nada mudou. A Baía da Traição continua à espera de um alvará do Serviço do Patrimônio da União para que possa fazer o levantamento das propriedades urbanas e a cobrança do IPTU.

— A intenção é transformar a cidade num pólo turístico, com a construção de um hotel três estrelas — diz o Prefeito da Baía da Traição. — Com o



A placa indica a área da reserva, onde estranhos não entram

turismo, mais o IPTU poderemos dobrar a arrecadação.

Pelo menos a metade da população, formada por índios potiguares, está cética quanto aos planos desenvolvimentistas do Prefeito José Máximo Sobrinho, considerado “um branco” pelos indígenas. Para o Cacique Daniel Santana dos Santos, “agora fica mais clara a diferença entre o branco e o índio na cidade”.

— Índio que sempre foi dono da terra — diz o chefe — vai ter agora de pagar imposto por ela. Isso é uma traição.

Segundo o cacique, o decreto federal desmembrando a cidade reedita o episódio ocorrido após o descobrimento quando muitos brancos morreram nu-



Cacique Daniel dos Santos

ma emboscada preparada pelos potiguares. Por isso, a baía conhecida em tupi por Acejutti Biró tomou o nome de “Traição”. Desta vez, porém, os índios foram os traídos.

Para a mudança do “status” legal da cidade, o Prefeito José Máximo Sobrinho contou com a colaboração dos sete Vereadores da cidade, que subscreveram o pedido de seu desedembramento da reserva indígena. A Presidente da Câmara, a potiguara, Iraci Cassiano Soares, enfermeira, assinou sem ler o documento, mas não se arrepende:

— A cidade está um desmantelo — diz ela. Ninguém sabe quem manda. Se é a Prefeitura, a Marinha ou a Funai. Com a regularização, só o Prefeito vai mandar.

Para os brancos, a legalização da cidade foi positiva. Morador da Baía da Traição há 60 anos, João Damião de Oliveira acompanhou todas as transformações da cidade. Por exemplo, ele viu de perto os partidários do então Presidente da Paraíba, João Pessoa, destruírem as casas da família Dantas, em represália ao assassinato do líder político, no Recife, em 1930, que terminou por apressar a deflagração da Revolução varguista. Oliveira não se importa de ter agora que pagar imposto à Prefeitura:

— Com o título de posse do terreno, fico mais seguro — diz. — Os índios não vão mais me aborrecer, nem querer destruir as construções da cidade — concluiu.